

3 Metodologia

Este texto se constitui de redações do EM e, imbricadamente, redações da autoria de alunas normalistas, futuras professoras. O fato de serem iminentes professoras das crianças das séries iniciais faz certamente aumentar o interesse pela pesquisa em si e seus resultados.

As dez alunas que participaram da pesquisa são moradoras da Baixada Fluminense. Moram em bairros como Jardim Primavera, Pilar, Figueira, Xerém, dentre outros. São bairros alguns deles que ficam à beira da rodovia Rio-Petrópolis, mas há certamente alunas que moram afastadas deste circuito mais dinâmico de comércio, escola, boas residências. Em sua maioria, são pouco incentivadas para a leitura, uma vez que lhes faltam bibliotecas de bairro, como também a da escola, que tem sido precária, o que é ruim, como um todo, para crescimento em escrita. A idade delas é de 16 a 20 anos em média. A maioria sempre estudou em escola pública. Estavam na 2ª série do Curso Normal. Pelo fato de estarem nesta série, já estagiavam em escola pública e particular da região, cumprindo determinação curricular da Secretaria de Educação. A escola em que estudam atende a comunidade de Xerém há 50 anos, contando em média 1200 alunos nos três turnos. E, pelo fato de não ter ainda resolvido a questão da biblioteca instalada e pronta para atender a toda a comunidade escolar, entendo que é uma escola que gira em torno da montagem tradicionalizada aluno + professor + sala-de-aula. É o professor o que sabe. É o aluno que não sabe.

No dia em que passei o tema em aula para que então redigissem um texto dissertativo argumentativo, havia vinte alunas presentes. No entanto, minha pesquisa foi feita somente em cima de dez redações. Escolhi as que mais me interessaram quanto à questão do desenvolvimento de argumentabilidade que apresentavam, como também coesão, coerência e verbos. Mas, esse tipo de critério, pela sua própria natureza, não deve ser rígido, inflexível, e isto certamente pode ser confirmado, lendo-se no Anexo as outras dez, e possivelmente se achará lá uma ou mais que poderiam ser sugeridas em lugar de algumas dentre as que foram selecionadas. Os textos são muito parecidos em sua montagem argumentativa, construção das orações, poucos se destacando como tendo uma fraseologia merecedora de maiores elogios.

Na verdade, considerava o grupo todo de alunas não muito desenvolvido, nem para leitura e interpretação do lido, nem para redação, e as razões atribuo à pouca

leitura, como já disse. Tinham dificuldade de ler e expor o que liam; escrever e ordenar o escrito, como tem a maioria dos estudantes de escola pública do EM. Esta ordem do escrito é que primeiro saltou-me aos olhos no momento da escolha das redações.

O tema que dei era em forma de pergunta: “Favela é lugar de bandido?”. Foi desta forma porque assim o achei interessantemente polêmico, mexedor de valores sociais, próximo da realidade dessas moças normalistas, envolvendo futuros lugares de trabalho, possivelmente. Disse-lhes que faria um estudo de mestrado sobre a importância da escrita no EM e que gostaria de usar seus textos para tal, e ninguém se opôs. Sugeri que os compusessem em não mais do que 15 linhas, que começassem de preferência afirmando ou negando a pergunta, isto auxiliaria na questão da argumentação que deveriam apresentar, uma vez que este ‘sim’ ou este ‘não’ já era por si só e em certa dosagem uma tomada de posição frente a tema tão polêmico.

Nas aulas de redação, estudamos a estrutura de um texto dissertativo argumentativo, (i) que deveria ter três partes básicas: introdução, desenvolvimento e conclusão; (ii) que se tratava de um texto de comprometimento da parte do escritor, pois haveria justificativa e isto significava aparecer para o ato de comunicação como portador de uma opinião; (iii) e que nem sempre teria adeptos e deixaria de certa forma seu autor exposto.

3.1

Procedimentos para análise das redações

Para analisar as dez redações já separadas para esta pesquisa, procedi a levantamento de ocorrências de palavras ou grupos de palavras, e até mesmo de outros recursos textuais, como: a inversão de adjetivo, citação de algum dado estatístico, referência por repetição de elemento lexical, etc., todos evidentes recursos de texto para convencimento e persuasão; levantamento de processos verbais e o quanto concorrem para a criação de força argumentativa; construção coesiva das orações, concorrendo para a tessitura textual, conseqüentemente para esta questão de a aluna autora ter de convencer o leitor do ponto-de-vista assumido por ela.

No entanto, não é esta uma pesquisa quantitativa somente. Não se restringe apenas a quantificar aspectos encontrados nos dados. É também qualitativa, interpretativista, porque os dados totalizadores não podem aqui ser um fim em si mesmos: um *corpus* (ou um conjunto de dados com propósitos de um *corpus*) não interpreta seus dados. “A

interpretação requer *insight* e intuição do pesquisador.” (Hunston, 2002, p. 65). São instrumento para uma interpretação qualitativa, dando suporte à outra leitura a ser feita das redações, que abomina o desgaste tradicional provocado pela insistência ou maior valorização de normas rígidas e sempre postuladas para a ‘correta’ escrita.

Contextualizando a pesquisa, o que, como leitor e analista destes dados, sei acerca de favela é o que ouço nos noticiários e também das pessoas. Tenho parentes que moram na Baixada bem próximos de comunidades. Quanto às alunas, o que pude ouvir delas mesmas é que o fato de morarem na Baixada não as torna obrigatoriamente ‘moradoras de favela’ ou ‘de comunidades’. Algumas, contudo, moram dentro de favela, têm a família residindo lá. Sabem que algumas cidades vizinhas têm contra moradores da Baixada e de favela preconceitos os mais diversos: que são, em sua maioria, favelados, vivem sob o comando do tráfico, presenciam diariamente à porta de suas casas atos de violência assustadores. As alunas que não moram em comunidades entendem a densidade e as implicâncias do tema ‘favela’, até mesmo porque isto foi discutido antes que lhes fosse efetivamente proposta atividade escrita..

3.2 **Unidades de análise**

Para sistematizar a pesquisa e lhe dar caráter indispensável de cientificidade, adotei três unidades de análise, para seguirem o trabalho a todo instante no mergulho nos textos destas alunas. Acompanharam-me como ferramentas indispensáveis.

São elas: a) argumentabilidade, que se pode definir por esta máxima: não há texto neutro, todo texto é em si e de per si um argumento, que se apresenta no texto sob forma diversificada (Koch, 2002, p. 17). Não basta a lógica da língua, mas a plausibilidade do que se argumenta no jogo intersubjetivo. É possível que a frase esteja um pouco mal redigida e, no entanto, sua argumentabilidade é eficiente para com o leitor; b) processamento dos verbos, os quais ajudam a traçar o curso do *continuum* a ser feito pelo texto, na formação da rede sistêmica de sentidos; c) coesão, que cuida da ligação entre as partes do texto, a fim de que seja um todo de sentido cabível na intenção e na funcionalidade do que se quis comunicar.

3.2.1 Argumentabilidade

Argumentabilidade se liga à razão e à vontade, que, por sua vez, fazem de nós seres que formam juízos de valor (Koch, 2002, p. 17) e, por conta disto, recorrentes aos meios disponíveis na linguagem para convencer, persuadir o interlocutor, o leitor.

A vontade significa que somos causa do mundo em que vivemos e, para tal, lutamos com palavras. A razão nos põe em ordem com nossos pensamentos e pode assim fazer de nós armas poderosas na comunicação.

Dentro da unidade de análise “argumentabilidade”, há diversos fenômenos textuais, ocorrentes à flor do texto e que passo a apresentar e a explicar. Estão baseados em Garcia (1971) e em Suárez Abreu (2000), subsumidos pelo título que lhes dei: “Consistência do raciocínio”, dentro das duas questões iniciais desta dissertação, que são: a) a formação paulatina, pela escrita, da consciência através do jogo sógnico interativo; b) a formação da subjetividade pela possibilidade de, na escrita, o “eu” poder opinar e passar, então, a fazer parte da história do mundo exatamente por ir-se habilitando, com suas opiniões, para interferir, mudar o curso das coisas. No viés do sentido global de tal título, surgem divisões, na verdade recursos lingüísticos que valorizam, dentre tantos outros recursos, a escrita. Só para citar alguns: jogo dos argumentos em gradação, evidenciação dos fatos, valor explicitado ao dito, paralelização entre argumentos, etc. Vamos a eles agora com detalhes:

1. Tese de Adesão Inicial: minha proposta às alunas foi que se posicionassem frente à pergunta/tema “Favela é lugar de bandido?”, com um ‘sim’ ou um ‘não’ e se pusessem a criar o texto. Este primeiro passo é a formação das raízes de sua tese, a definição do caminho que percorreriam, palavra por palavra, oração por oração. É saber “para que tipo de problema essa tese é resposta.” (Suárez Abreu, 2000, p. 13). Depois de definida a tese, promovê-la com argumentos iniciais, a fim de o leitor ir-se seduzindo pelo texto que vai-se dando.

2. Evidência dos Fatos: os fatos se dão não em ordem aguardada, mas aleatoriamente, é assim que é na realidade. Em um texto de convencimento ou persuasão, mostrar fatos de forma proposital organizada é garantir convencimento, persuasão, certamente, ainda mais se forem apresentados dados estatísticos, como mostro na Análise mais adiante. Exemplo/redação 10: “...a pessoa **só rouba, trafica, mata** ou etc., quando **já conviveu com aquilo ou aprendeu aquilo** desde que era

criança, então o lugar que a pessoa mora ou o que ela vê todos os dias **influência muito no que ela faz.**”.

3. Refutação: coordenadas adversativas são ligadas pelo conector ‘mas’, que cria situação de refutação por oposição. Vejamos este exemplo/redação 4: “Lá na favela tem sim gente honesta, mas é lá também que se cria novos bandidos”. A parada frequentemente feita após o ‘mas’ cria certo suspense, desvendado logo que se parte para a conclusão da frase. Para Garcia, a refutação, feita por conjunção adversativa, “é o ‘miolo’ da argumentação propriamente dita” (1971, p. 367), e a ela costumam seguir as razões desta contestação, iniciada por tal conector.

4. Argumentos Crescentes: Suarez Abreu afirma que “devemos preparar o terreno” (2000, p. 16) para que nossa tese principal tenha adesão dos ouvintes/leitores. Este preparo consiste em não dizer tudo de uma vez só, mas paulatinamente, partindo dos argumentos que consideramos de menor poder de convencimento e persuasão, até chegarmos ao de maior força. Exemplo/redação 5: “...eles **procuram morar** em favela para poderem **se esconder e fazer suas transações** [...] quando **forem roubar** as pessoas das cidades, eles **se escondem nas favelas**, é lá que eles se **aglomeram** e **formam seus bondes**”. O argumento anterior perde em superioridade para o seguinte, o que provoca uma gradação deles (2000, p. 36).

Valores não são os mesmos para todas as pessoas, e em um texto que tem como propósito atingir o ouvinte/leitor de forma incisiva, através de convencimento ou de persuasão, montar uma hierarquia é fundamental. O tema proposto por mim é polêmico, envolve assunto da atualidade: favela, violência contra as classes menos favorecidas, perda de crianças, uso de drogas, atitudes policiais no trato com os pobres, dentre outros. Ao garantir como passo inicial que favela é lugar de bandido, valores sociais são mexidos e até derrubados e cabe ao escritor apresentar tal quadro de perdas, hierarquizando-as persuasivamente. Esta hierarquia poderia, por exemplo, começar com a perda do sossego na vida de todos, devido à presença molestadora de bandidos nas proximidades das residências das pessoas e culminaria com a possível derrocada do bem-estar e da educação da infância da favela, estando firmado, assim, um ciclo de maus hábitos;

5. Persuasão, Empatia: a linguagem é dinâmica e, à medida que se desenvolve, cria novos argumentos, em novas semioses. Halliday afirma que “no curso do desdobramento do texto, seleções lexicogramaticais criam padrões logogenéticos em todos os níveis.” (2004, 586). Aquele que argumenta tem de estar ciente disto e usar

para ampliar a rede de argumentabilidades, criar envolvimento empático do interlocutor. Para isto, linguagem deve ser comum, afirma Suárez Abreu (2000, p. 14). Se queremos convencer alguém a respeito do que pensamos, usemos então de linguagem tal, que este resultado apareça, seja atingida não a razão, mas o coração.

6. Paralelo: afirma Suárez Abreu que “as palavras são como fios, com os quais vamos tecendo nossas ideias, em forma de texto.” (2000, p. 44). As palavras com que se firma a adesão inicial ao tema ganham aqui parceria com algum fato “que tenha relação analógica com a tese principal” (2000, p. 27), e a junção de tais forças promovem a argumentabilidade do texto, graças ao jogo de tecer ideias em confronto ou em parceria com outra. Exemplo/redação 2: “Eu acredito que favela é lugar de bandido sim, porque os bandidos por serem criados lá dentro, muitas crianças veem a ação deles e acabam indo pelo mesmo caminho, acham bonito andar com arma na mão, crianças pequenas já usam drogas.” Fez-se um paralelo entre uma afirmação de partida, que é o ‘sim’, e outras imagens associadas a esse ‘sim’, como é o caso de a criação de bandidos se dar na favela, uma cadeia de fornecimento de gente para as fileiras da bandidagem, afinal desde cedo crianças “acabam indo pelo mesmo caminho”, diz a autora.

7. Conclusão Pontual: a pontualidade da conclusão evita desperdícios de palavras e marca a meta argumentativa a ser atingida. Isto é normalmente feito por conectores conclusivos, tais como ‘portanto’, ‘logo’, ‘por conseguinte’, ‘daí’, ‘por isso’, dentre outros. Vejamos este exemplo/redação 5: “...muitos inocentes morrem de balas perdidas e são assassinados sem motivos. Daí a expressão “favela é lugar de bandido”. A população cita essa frase por ouvir todas estas coisas que existe na favela, que acaba sendo vista com maus olhos.”

3.2.2

Processos verbais

Halliday, o mentor da Linguística Sistêmico-Funcional, nos ensina que um texto “é o produto de seleção continuada dentro de uma grande rede de sistemas – a rede sistêmica” (2004, p. 23). Os verbos são um dentre outros elementos formadores de cadeia sígnica argumentadora, criando seis processos, de acordo com Halliday:

1. Processo Material: a princípio, achei que este seria o único processo que poderia alavancar realmente a argumentabilidade do texto das alunas, afinal o tema mexe diretamente com a realidade do nosso país, de nossas comunidades carentes. Mas

percebi, indo adiante na análise, que outros poderiam igualmente ser usados para tal fim. É um processo de acontecimentos, criações, mudanças, afazeres. Dou alguns exemplos, tanto aqui, quanto nos outros processos a seguir, que acho que se ligam ao tema proposto: trabalhar, traficar, abandonar, matar, atirar, fumar, correr, esconder-se, erguer, sair, entrar, brigar, subir, descer, etc.;

2. Processo Relacional: processo de certezas, de se dizer que algo ou alguém é ou tem. Está feita, assim, a relação entre o ser e seu predicativo, entre o possuidor e o objeto: ser, tornar-se, parecer, ficar + adjetivo, viver + adjetivo, tornar-se, soar + adjetivo, custar, etc.;

3. Processo Mental: processo em que agimos pela consciência, como seres sensíveis que somos: achar, concluir, julgar, pensar, ver, perceber, gostar, esquecer, imaginar, sonhar, planejar, etc.;

4. Processo Comportamental: costumeiramente raro este processo, mas exemplos dele seriam os verbos como rir, chorar, sibilar, bocejar, etc.;

5. Processo Existencial: com base nos verbos como haver, existir;

6. Processo Verbal: dizer, falar, explicar, etc., mais a respectiva verbiagem, que é o que foi proferido.

3.2.3

A progressão textual

Progressão textual significa coesão entre as partes de um texto. Faz parte da ciência da Linguística Textual e da LSF, que têm como objetivo os estudos acerca da estrutura de um texto e como esta se põe em funcionamento para formar o todo de textualidades necessárias à comunicação (Fávero, 2006; Koch, 2007 e 2008; Bentes, “in” Mussalim & Bentes, 2007; Halliday & Matthiessen, 2004, em destaque o capítulo 9, em que os autores tratam da coesão e do discurso). Isto extrapola o normativo, que “compreende a língua como sistema e como código, com função puramente informativa” (Bentes, 2007, p. 245). O entendimento com que analiso as redações passa por este viés, que valoriza a enunciação: “procura ir além dos limites da frase, [...] procura reintroduzir [...] o sujeito e a situação de comunicação” (Bentes, 2007, p. 245).

As formas de coesão estudadas nas redações são estas:

1. Substituição: um elemento da cadeia de sentidos remete o leitor a outro elemento. Especificamente nas redações das alunas, a substituição despertou interesse à

pesquisa porque eu queria saber o quanto as autoras tinham preocupação em não ser repetitivas, se sabiam variar no léxico, ainda que fosse pequeno.

2. Reiteração: a repetição é uma característica marcante deste tipo de texto. A razão vem certamente desse exíguo léxico, que, por sua vez, parece vir das escassas leituras do aluno. Mas, há como olhar a reiteração por outros olhos e não somente por olhos que a depreciam logo de início.

3. Campo Lexical: este item mais os dois anteriores atuam como instrumentos da oração para que seja mostrado o sentido, e foram escolhidos para que, mesmo com vocabulário restrito, se pudesse constatar se a aluna conseguiu ou não expressar este sentido.

4. Tempo Verbal: dizem os manuais que ensinam redação dissertativa que o tempo verbal característico destes textos é o presente. A tese que defendem se posta perante o leitor no momento do ato de leitura, ainda que haja filamentos de passado ou de futuro em alguma ação ou proposta que o autor levante.

5. Causa & Conseqüência: o tema “Favela é lugar de bandido?” provoca, sem dúvida, os porquês. E esta relação, diante de tal tema-pergunta, parece ter de dominar o texto, com emprego da conjunção causal, mas, segundo Fávero, pode ocorrer também pelo emprego de conjunção conclusiva e consecutiva (2006, p. 37).

6. Mediação: emprego de mediação é buscar enriquecer campo lexical, emparelhando ideias, argumentos, para que um objetivo maior do discurso seja firmado. Fávero afirma que esse tipo de relação é expresso “por duas proposições” (2006, p. 37), e entendo, no jogo duplo delas, que aqui resida recurso destacável de argumentabilidade, além de mostrar riqueza em recurso textual por parte do aluno.

7. Restrição: não poderia deixar de analisar o adjetivo nas redações das alunas, uma vez que havíamos estudado classe de palavras e dado destaque ao emprego dele, mostrando que enriquece o sentido do substantivo, amplia-o, seja na forma lexical ou oracional. A restrição é o mesmo que delimitação e envolve situação adjetiva (Fávero, 2006, p. 38). Ao delimitar a abrangência do sentido do substantivo, a restrição aguça sua força de argumento.

8. Operador somativo: todos os recursos aqui mostrados têm duas intenções: a primeira, mostrar uma outra leitura de textos do EM; a segunda, dentro de tal proposta e apontando já viés para a própria leitura, observar a argumentabilidade de tais textos, e as conjunções, no sentido que Fávero lhe dá, que é o de fazer com que conteúdos se

adicionem, concorrem sobremodo para isto (2006, p. 39), sendo a mais usada delas, no EM, o “e” aditivo.

Passemos agora à análise das redações. Elas são um recorte dentro do mundo de sentidos das alunas, cujas redações trouxe para cá. São poucas redações? Certamente. Mas, elas dão uma ideia de como nós professores podemos agir no trato novo para com elas, aqui proposto. O fato de serem recortes por si só as torna textos fascinantes: que representação de mundo farão essas alunas, futuras professores das séries iniciais?

Passemos à análise, então.